

BUARQUE, Virgínia A. Castro. *Escrita singular: Capistrano de Abreu e Madre Maria José*. Fortaleza: Museu do Ceará/ Secretaria da Cultura, 2003.

Paula Virgínia Pinheiro Batista
Universidade Federal do Ceará

A escrita epistolar é uma prática cultural produzida por um autor(a) inserido no seu tempo e no seu espaço social. Esse usa um objeto da cultura material de sua época (a correspondência) para comunicar-se com o outro. Entretanto, não podemos considerar essas cartas apenas como veículos de comunicação à distância entre as pessoas, posto que não são formas "naturalizadas" e "espontâneas" de expressão, mas sim uma escrita regida por fórmulas particulares, gestos e normas sociais que compõem meios de construção de identidades de si e coletivas.

Mesmo assim, podemos afirmar que a distância física entre os correspondentes e a distância temporal entre os atos de escrever, ler e guardar cartas são fundamentais para entender a prática epistolar. Torna-se imprescindível, para a análise desse tipo de material, compreender o lugar social dos correspondentes e entender as vicissitudes do tempo dessa prática. Sobre o tempo da escrita na prática epistolar há diversas questões a serem consideradas pelo pesquisador, como o porquê de em determinadas circunstâncias (aniversário, festas, morte etc.) serem enviadas cartas com mais frequência do que em outras situações. Mas também se deve olhar o período anterior para saber quando a troca de correspondências se iniciou entre aqueles sujeitos.

No presente trabalho, os sujeitos são o historiador Capistrano de Abreu¹ e sua filha Honorina Abreu², que mantiveram uma copiosa troca epistolar impulsionada pela distância física que os separou após a entrada de Honorina para a Ordem do Carmelo Descalço, em 10 de janeiro de 1911. A escrita e a leitura das cartas trocadas entre eles foi uma maneira que encontraram de continuarem "juntos". Além disso, as cartas velavam a separação e a ausência do outro.

Essa troca epistolar é analisada com maestria no livro *Escrita singular: Capistrano de Abreu e Madre Maria José*, da historiadora Virgínia Buarque, que trata das concepções de história e projetos de vida que pai e filha traçaram para si, ressaltando o projeto de conversão de Capistrano à fé católica empreendido pela filha. Além disso, a obra objetiva elucidar a negação do historiador ao catolicismo e refletir, a partir do diálogo epistolar, sobre o embate entre as correntes dos pensamentos laico e religioso do final do século XIX e início do século XX.

Segundo Buarque, Capistrano de Abreu mantinha divergências de longa data com a Igreja Católica, desde a sua expulsão do Seminário Episcopal de Fortaleza, em 1866, de onde era aluno. Ao mesmo tempo, esse distanciamento foi acentuado por sua formação cientificista, que fez Capistrano considerar o projeto de Restauração Católica, empreendido por um apostolado letrado, que incluía a sua filha Madre Maria José, um retorno ao passado obsoleto a entrar o desenvolvimento dos indivíduos e da sociedade.

Repensar a constituição da identidade sócio-religiosa mediante práticas de escrita, principalmente as epistolares, é uma escolha teórico-metodológica adotada pela autora, que dessa forma sinaliza aos demais pesquisadores como o indivíduo moderno constitui cotidianamente uma identidade de si através de seus documentos pessoais.

Esses documentos são recolhidos com ou sem intenção pelos sujeitos, que assim vão construindo uma memória de si. Desse modo, o armazenamento de documentos pessoais tornou-se uma prática corriqueira desde a segunda metade do século XIX. Ciente disso, Virgínia Buarque resgata o processo de guarda das cartas de Madre Maria José dirigidas ao pai e nos revela que essas foram armazenadas no Epistolário da Ordem das Religiosas Descalças, na cidade do Rio de Janeiro. Por outro lado, das cartas escritas por Capistrano apenas uma foi conservada, enquanto as outras foram destruídas pela própria filha em atenção ao seu voto de pobreza e desapego aos objetos materiais.

Com perspicácia, Buarque usa as cartas inéditas da Madre Maria José com devido cuidado e faz necessárias alusões às cartas de Capistrano dirigidas aos seus amigos, como Mário de Alencar e João Lúcio de Azevedo, esquadrinhando um diálogo entre pai e filha onde o leitor, seduzido, apreende todo o drama vivido por Capistrano, um acético em relação à

fé católica, ao perder a filha quando essa escolheu ser monja e viver em claustro solitário.

Após sua entrada no convento, Madre Maria José encabeçou um projeto de tentativa de conversão de Capistrano e da família à fé católica, no qual não foi de todo bem-sucedida, posto que o pai nunca se rendeu aos pedidos da filha. A partir dessa “contenda familiar”, a autora amplia sua análise para o projeto de conversão de novos adeptos da Igreja Católica, que emergiu durante o Pontificado de Leão XIII (1878-1903), tendo como objetivo principal fortalecer as autoridades clericais e combater o catolicismo popular.

A narrativa construída pela autora também encanta o leitor ao esboçar o quadro da conversão ao catolicismo por parte de grupos da intelectualidade brasileira, como médicos e juristas, que investiram em publicações na imprensa católica em defesa da Igreja. Alguns desses intelectuais eram historiadores que inauguraram uma nova perspectiva de interpretação do passado do país regido sobre a ótica da moral cristã e da ocupação e formação do povo a partir da institucionalização da Igreja no Brasil.

Alguns amigos de Capistrano faziam parte desses grupos da intelectualidade leiga de católicos, como Guilherme Studart, Eduardo Prado e João Pandiá Calógeras. Porém, mesmo a convivência letrada com pensadores católicos não fez Capistrano se filiar a religião católica, de forma que morreu sem querer receber os sacramentos.

Capistrano convivia com parte desses intelectuais, mas mantinha seu afastamento do cenário religioso, apesar de nunca combater a religião dos amigos frontalmente. Em contrapartida, o historiador contribuiu incansavelmente com as iniciativas da filha de realizar uma reconstituição histórica do primeiro Carmelo Teresino do Brasil, com coleta de livros e documentos para esse trabalho.

Segundo Buarque, desde que a Madre Maria José entrou no convento começou a publicar diversos trabalhos escritos por ela, como a tradução de *Imitação de Cristo*, além de livros editados e vendidos no Brasil como *O ato de desagravo*, o que possibilitou a recepção e a admiração dos seus trabalhos no meio intelectual.

Com sólida base bibliográfica, a autora dá atenção ao delineamento das concepções históricas dos correspondentes, partindo inicialmente da concepção de Madre Maria José, que perpassa uma visão da história com viés

teleológico, onde o ser humano é uma criatura marcada pela incompletude e falibilidade, tendo seu futuro traçado por Deus. Já para Capistrano, a história comportaria e suscitaria um saber com pretensões à verdade, onde os efeitos das ações humanas ocupam o primeiro plano da análise histórica, na qual o agente histórico é o povo, que recebe em seus trabalhos amplos contornos culturais, mesclando sensibilidades e maneiras de ser.

O livro cumpre um papel fundamental: desperta para os embates intelectuais entre o pensamento laico e religioso no Brasil, que foram fundamentais para a definição dos espaços sociais de atuação institucional da Igreja Católica. Ao final, Virgínia Buarque incentiva os pesquisadores a realizarem futuras produções acadêmicas, elegendo como fonte privilegiada a correspondência do historiador cearense João Capistrano de Abreu.

NOTAS

- 1 Capistrano de Abreu nasceu em Maranguape (CE), a 23 de outubro de 1853 e faleceu no Rio de Janeiro, a 13 de agosto de 1927. Em 1863, muda-se para Fortaleza (CE), onde frequentou o Colégio dos Educandos, o Ateneu Cearense e o Seminário Episcopal. Já em 1870 seguiu para Recife com o objetivo de se formar em Direito, mas não obteve êxito. Em 1875, embarcou para o Rio de Janeiro, dedicando-se ali ao ensino no Colégio Pedro II, ao jornalismo, à crítica literária e aos assuntos históricos.
- 2 Honorina é a primeira dos cinco filhos do casal João Capistrano e Maria José de Castro Fonseca. Nasceu em 18 de fevereiro de 1882, estudou no Colégio da Imaculada Conceição e entrou para o convento aos 29 anos, em 1911. Morreu em 1959, aos 77 anos de idade.